

O chão da clínica II♦

(Seminário clínico da EBP-Rio 2025)

Elementos da transferência

Marcus André Vieira

Pequena recapitulação como abertura deste nosso segundo encontro:

Chão da clínica, expressão que nos reúne é um modo de dar ênfase ao que constitui a materialidade de nossa prática.

Retomando o que apresentei da última vez para enviar a vocês, quis destacar o arco que vai de *Função e Campo...*, texto inaugural do ensino de Lacan à *A Terceira*, um dos marcos de seu último ensino. De uma ponta a outra a ênfase é posta por Lacan nas palavras, nas falas, a matéria-prima da clínica psicanalítica. Elas tanto são nosso material de intervenção quanto nosso meio ambiente, aquilo em que navegamos e com o qual trabalhamos.

Falas, aqui, claro, em um sentido alargado, incluindo não apenas a verbalização, mas aquilo que o Outro nos endereçou em termos de desejo (ou que tenha dessa forma sido vivido) – os dizeres, mais que os ditos.

Além disso, agora em um sentido mais restrito e específico, o que conta não são as falas em si, mas o que delas ficou como *registro*. O que se traça. Em si mesmo não são memórias do acontecido em si, mas elementos que, reunidos, encadeados, podem nos levar a reviver tanto os acontecimentos vividos quanto outros, sonhados, inventados, por exemplo. São letras de um alfabeto singular, significantes.

Colocando em uma fórmula: o real, ou mesmo o gozo, são nosso mar, mas o significante é nosso chão. E essa fórmula pode ser ainda mais *litorânea*: entre chão e mar, estão os conceitos. São nossas ferramentas para agir neste espaço tão subjetivo.

O sujeito

Vimos no primeiro encontro como jogar com a ambiguidade significante pode ser uma ferramenta por se apoiar na teoria lacaniana do significante, que define como um significante não tem sentido em si e por isso mesmo sempre pode ter outro. Mas para que? A ferramenta só se completa quando visa, mais do que apenas equivocar, uma abertura do espaço subjetivo.

Recordo a vocês o fragmento do *ataca-ataca* por Flavia Cera. É importante que a analisante possa viver essa nova verdade, a de que sempre acatava as demandas todas da mãe mas também que vivia essas demandas como ataques pesados (e que, talvez, bem quisesse também atacar a mãe). Mas o que conta é que nesse espaço, que chamamos de sujeito, neste intervalo é que poderá se projetar tudo

♦ Texto redigido por Juliana Villa-Forte com base nas notas do autor e na transcrição do segundo encontro do Seminário Clínico da EBP-Rio, 12 de maio de 2025. Versão final do autor.

aquilo que foi vivido na história e que não pôde ser lido ou incluído nesta dualidade, matriz de uma vida. O *sujeito* que nos interessa é esse, quando ela foi outra coisa, fora da matriz.

E com o fragmento *Carrego um vazio*, vimos como não basta este espaço ser mais ou menos estabilizado. Se ali não vierem estes significantes de sujeito, nada feito. É o que impedia, de maneira dramática, que o parto se consumasse, a falta de um texto de sujeito, um nome para a criança, para presentificar o sujeito que era a criança aguardada pela mãe.

Ouvi muito sobre esses fragmentos desde então. Muita coisa vai no sentido do que seria a verdade do caso, como seria a boa leitura do que aconteceu. É bom que estejamos desencadeando essas discussões, mas o que me interessa mesmo não é isso e sim apurar nossa apropriação destas ferramentas. Quanto mais esta apropriação se dá, mais liberdade temos no trabalho clínico.

Quando falo em ferramentas não estou falando de receitas, mas de modos de fazer, que embutem toda uma orientação. E não pensem que só lendo e estudando é que nos apropriamos delas, muitas vezes as tomamos “do ar” do que conversamos institucionalmente, na Escola, e do que experimentamos em nossas análises. Mas a formalização e clareza é o que permite uma apropriação mais ativa da coisa.

Com o sujeito a ferramenta foi o intervalo e a ideia de que é no intervalo que vem o texto do inconsciente, pois *ali se precipitam memórias sem lugar*.

Último exemplo: aquele analisante que se recorda, às voltas com seu lugar entre brasileiro e argentino do apelido “russo”, quando jogava bola na praia. *Russo* não é exatamente alguém, é mais um significante, um texto, claro que ele dirá que o russo e ele, ok, mas estranhando um pouco o nome que a ele se dava, russo, então é um nome de sujeito, exatamente por não compor muito bem com os facilmente com a identidade, termo contemporâneo para o que chamamos narcisismo ou, a totalização de uma rede de significantes do ego.

E Hoje?

Elementos da transferência

A transferência é terra imensa. Não é só chão. Assim como o amor, que a fundamenta em grande parte, ela é apaixonante, todo um universo.

Então, pensei em propor três ferramentas conceituais com as quais Lacan nos propõe lidar com a transferência (manejar, como se diz).

1) A diferença entre eu (*ideal*) e ideal (*do eu*).

Do lado do eu (*ideal*), situam-se todas as projeções do que entendo que preciso ser para ser amável e desejável. É entidade do imaginário, não no sentido de ilusão, mas do que há de mais concreto, especialmente em uma análise.

Do lado do ideal (*do eu*), localiza-se algo mais impreciso, sem imagem clara. Além daquilo que representa o que quero ser, também preciso de algo mais. Há sempre algo a mais no idealizado, não apenas seus atributos, mas algo sem imagem.

Como vemos, a função da imagem e do traço, são assim conjugados e distinguidos por Lacan de maneira bem prática.

Um exemplo: Se quero ser forte posso ir para a academia, mas sem algo do lado da fortaleza vou ficar apenas um fortão como tantos eus que por aí andam. É preciso os traços de firmeza, segurança, sabe-se lá o que mais para ser um forte.

Pois bem, é possível transportar o que ensina essa diferença para o encontro com analista.

Ele tem que ter qualidades. Não precisa ser quem amo ou gostaria de amar, mas precisa aparecer alguma coisa, animado, sério, vivo, sabe-se lá. É o lado imaginário da coisa.

Com relação à figura do analista na cultura, o imaginário é relativamente pouco definido. Vemos que os semblantes da medicina nos ajudaram nesse sentido. Ficamos com alguma coisa de um analista sério e sisudo, meio *Herr Doktor*, meio mortificado, o que a princípio deixa margem ao ideal como opacidade ativa.

O que importa é que nessa relação, além de um pouco de eu (ideal), o analisante encontre algo mais. É preciso que o analista preencha algum requisito do ideal (do eu), um traço impreciso, qualquer coisa que alimente sua presença com um “não sei bem o quê”.

Com base nesse efeito de furo do ideal (do eu), Lacan vai abordar a transferência a partir do que conceituou como sujeito suposto saber.

2) O inconsciente como *sujeito suposto saber*

Como o nome proposto por Lacan para o furo é *sujeito*, a singularidade como presença de uma ausência, um vazio, ele vai propor o sujeito-suposto-saber como modo de lidar com a transferência.

Quero propor a vocês, com o que vimos no encontro anterior que o sujeito suposto saber, sendo sujeito, precisa ser pensado com as mesmas características: necessariamente vazio de uma persona, necessariamente intervalar e necessariamente encarnado por textos, memórias, fragmentos recalcados de uma vida.

Neste sentido o sujeito suposto saber não se localiza no analista. Estamos no avesso do que dizemos habitualmente quando tomamos a “suposição de saber” como a atribuição de um saber ao analista, como se o analista fosse o sabe-tudo. Ora, isso seria tomar o sujeito suposto saber apenas a partir da função do eu (ideal), tomando o analista como grande sábio, mestre.

Muito melhor pensar que essa função se localiza *entre* o analista e o analisante.

Esse espaço criado entre analista e analisante é também o espaço do sujeito do inconsciente. Neste sentido, é o sujeito suposto saber que faz acontecer uma análise por facilitar a que se materializem falas do recalcado.

Quando assumimos como analisantes que o analista é que tem as verdades muita coisa pode acontecer, mas não análise.

Uma vez o sujeito suposto saber, como espaço entre analista e analisando, posto em ação, produzem-se saberes, novidades, encontros, emoções significações.

E tudo isso vai esquentar, incendiar às vezes, o clima deste encontro. Para dar conta desse aspecto da transferência, precisaremos de outro conceito-ferramenta.

3) O corpo (do analista), incluído, como *objeto* nas “séries psíquicas” do analisante.

A experiência de verdade que as falas de sujeito provocam inclui uma carga de libido, tornada disponível pelo encontro com um texto que não está agarrado na série específicas do eu. A relação do analisante com o praticante, como depositário desse excedente de libido ganha força especial.

Essa carga de gozo instaurada em alguma coisa do corpo do praticante é que Lacan vai abordar com seu conceito de objeto **a**.

É o corpo do analista, não no sentido imaginário, da sua identidade, de sua pessoa, eu ideal, mas em seu aspecto de opacidade. É essa presença que, com base no conceito de objeto **a** será abordado em uma dialética muito original. Ela compõe tanto o mais estranho quanto o mais conhecido, assim como o mais interior e íntimo, o mais próprio com o mais externo e do Outro. Para completar esta dialética freudiana Lacan acrescenta a esses dois estados paradoxais do objeto causa do desejo uma característica a mais, trata-se do objeto que é ao mesmo tempo ouro e lixo, *agalma* e *palea*. A pepita de uma verdade em algum lugar perdida e o resto de coisas de mim que nem sabia não suportar ver.

A transferência vai assumir este valor instável entre o melhor e o pior segundo estes aspectos que gostamos de chamar moebianos, mas que fica melhor definido pelo conceito de extimidade promovido por J. A. Miller.

O corpo do analista é homólogo ao recalçado. Aquilo que não compôs com o meu eu, e que ao mesmo tempo me mobiliza, causa meu desejo, mas que uma vez encontrado não é objeto do desejo, é objeto bizarro e estranho jogado na lata do lixo da história pessoal.

Por isso, não é de admirar que Lacan tenha definido três paixões para abordar a transferência. Amor, ódio e (cegueira apaixonada) ignorância. Como um nó, em que há sempre alguma coisa disso envolvida.

A transferência como nó

Então, para terminar, façamos uma esquematização dramatizada do percurso, tipo receita de bolo:

O praticante, candidato à analista, assume que alguma idealização talvez seja inevitável, mas dá preferência à sua função como ideal (do eu) mais que eu (ideal). O essencial é que haja algum furo, alguma opacidade em sua presença.

Busca deslocar esse furo para o intervalo da relação. É este espaço que localiza o sujeito a quem supõe saber em uma análise, o sujeito intervalar, espectral, entre analista e analisante. É onde poderão ganhar lugar algumas falas, memórias, cada uma com seu sujeito, mas que resumimos com o singular de “o sujeito do inconsciente”.

Finalmente, o praticante assume o quanto o que vai surgindo é êxtimo, amor e horror, pois o objeto causa é essencialmente ambíguo. Sabendo-se que, no melhor dos casos, isso vai valer para a relação do analisante com

sua análise. Por isso, nada de esquecer o quanto o ódio e a cegueira apaixonada fazem parte.

É falsa a ideia de progressão que essa dramatização nos dá, mas tenta resumir nossas ferramentas de hoje, todas as três, para o manejo da transferência do modo mais prático e concreto possível. É preciso, porém, desfazer imediatamente, por exemplo, a ideia de progressão. São três modos de se deslocar na transferência que só funcionam entrelaçados. Estar no lugar do ideal é melhor do que do parceiro (um outro eu). Apontar para o sujeito como intervalo entre os corpos (e não no corpo do analisando ou no do analista), ótimo. E, para completar, saber-se analista é saber-se um abjeto intensamente desejado e intensamente repudiado. Faz parte.

Veremos este objeto com mais calma, espero eu, no próximo encontro. De todo modo, vale indicar já qual o sentido clínico, prático, disso tudo. Remeto vocês a *O osso de uma análise* de Miller, neste sentido. A direção é a de decantar, a de reduzir esse objeto, reduzir suas tantas dimensões imaginárias, fazer da selva de lembranças e histórias, alguns traços recorrentes. Esse objeto tantas vezes buscado, tantas vezes perdido, cerne da repetição, é o caminho da análise. Sua redução é o que permitirá alguma conclusão habitualmente definida pelo atravessamento da fantasia.

Os dois fragmentos que vamos ouvir agora incidem, no meu entender, exatamente sobre este ponto em que o sujeito suposto saber instaura-se e ao mesmo tempo apresenta-se o objeto.

Assim como da outra vez, agradecemos muito muito a nossos colegas, hoje Mirmila Musse e Heloisa Bedê, que aceitaram essa ousadia tão generosa de trazer à nossa cena alguns pontos de atendimento em curso.